

CONCESSIVIDADE EM PORTUGUÊS: UMA DESCRIÇÃO CONSTRUCIONAL BASEADA NOS USOS DE *AINDA QUE*

Thiago dos Santos Silva¹
Maria Maura Cezario²

RESUMO: este artigo trata da análise dos usos da construção oracional introduzida por *ainda que* no português contemporâneo com base nos pressupostos teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, que une contribuições do Funcionalismo Norte-americano e da Gramática de Construções. Nesse modelo de análise, a língua é concebida como um grande inventário de construções linguísticas que emergem a partir do uso real que o falante faz da língua. Para a análise, foram coletados 180 dados do *Corpus do Português*, aba NOW (2012 - 2019). Com base nos fatores de análise adotados, os resultados revelam que as construções oracionais introduzidas pelo conectivo *ainda que* tendem a ter preferências quanto à posição na oração (anteposta, intercalada ou posposta à oração principal) e ao contexto pragmático-discursivo, especialmente em relação à pressuposição e à semântica da oração. Essa análise contribui para a descrição do português contemporâneo ao revelar padrões de uso e preferências discursivas da construção, oferecendo uma visão empiricamente

1 Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Bolsista de Pós-doutorado Nota 10 da FAPERJ (Processos E-26/200.293/2025 e E-26/200.294/2025) no Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

2 Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professora Titular da mesma universidade. Pesquisadora 1D do CNPq (Processo 306941/2021-0) e Cientista do Nosso Estado da FAPERJ (Processo E26/200.472/2023).

fundamentada das construções oracionais e de suas funções discursivo-pragmáticas na língua em uso.

PALAVRAS-CHAVE: abordagem construcional; conexão de orações; concessividade.

Introdução

Tradicionalmente, as orações concessivas são definidas como as que admitem um fato inesperado ou uma contradição, ligadas diretamente à noção de contraste ou a algum tipo de quebra de expectativa. A categorização da gramática tradicional pode ser considerada limitada, na medida em que tende a privilegiar critérios formais, deixando em segundo plano aspectos pragmático-discursivos. Além disso, como os conectivos podem assumir diferentes sentidos a depender do contexto, essa abordagem nem sempre abarca a complexidade dos usos concessivos em funcionamento real da língua (Santos Silva, 2023).

Neves (2000) demonstra que a construção concessiva é definida, tradicionalmente, como a combinação de uma oração principal e uma concessiva, que expressa um fato apesar do qual a proposição principal se mantém. A autora trata as concessivas no grupo das contrastivas, enfatizando que somente a relação lógico-semântica não é suficiente para caracterizá-las. Para Rosário (2012, p. 25), a construção concessiva é uma estrutura contrastiva em que se combinam uma base e uma cláusula concessiva (ou sintagma concessivo), a qual expressa um fato real ou suposto que não impede ou modifica a realização do fato principal. Assim, de acordo com o autor, esse fato presente no segmento concessivo seria oposto à realização da informação da base, mais inoperante.

Para caracterizar as construções concessivas, Crevels (2000) utiliza o seguinte esquema apresentado por König (1988, p. 146):

(1) Although *p, q*Embora *p, q*

Detalhado em (2):

(2) *Although it is raining, I am going out for a walk.*

Embora esteja chovendo, vou sair para uma caminhada

Uma conexão está implícita entre as proposições das duas orações relacionadas em questão: o falante afirma essas duas proposições tendo, como pano de fundo, a suposição de que os dois tipos de situações que *p* e *q* descrevem são geralmente incompatíveis. Geralmente, *quando está chovendo*, a implicação é a de que não seja *esperado que alguém saia ou queira sair de casa para caminhar*.

Adotamos a proposta de Hopper e Traugott (1993) por dialogar com postulados da teoria linguística que guiam o nosso estudo. Assim, entendemos que o tipo de oração analisado neste artigo é hipotática. De acordo com os autores, as orações hipotáticas concessivas, que constituem margens, estabelecem uma relação semântica com a oração núcleo e atendem ao critério de dependência. No entanto, em determinados contextos, podem apresentar uma relação mais frouxa com a oração núcleo, caracterizando-se como estruturas não encaixadas.

A construção em estudo faz parte de uma construção hipotática do tipo $[[\text{CONNECT}] \text{ S V C}]^3_{\text{ORAÇÃO HIPOTÁTICA}}$, que instancia construções do tipo $[[(\text{X}) \text{ que}] \text{ S V C}]_{\text{ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL}}$, que, por sua vez, instancia $[[\text{ainda que}] \text{ S V C}]_{\text{ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL CONCESSIVA}}$.

Sendo *ainda que* pertencente ao domínio concessivo, as perguntas principais que pretendemos responder são: como podemos descrever o pareamento simbólico de forma-significado das construções oracionais iniciadas por *ainda que* e o comportamento do conectivo em português no que diz respeito aos aspectos

3 CONECT se refere ao conectivo, S ao sujeito, V ao verbo e C ao complemento.

pragmáticos-discursivos? Qual o papel discursivo-pragmático de uma oração iniciada por *ainda que*?

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU)

Nossa investigação se baseia nos princípios dos Modelos Baseados no Uso, especificamente na vertente conhecida como Linguística Funcional Centrada no Uso. Essa denominação é empregada por linguistas brasileiros (Furtado da Cunha; Cezario, 2023; Oliveira; Rosário, 2015, entre outros) para designar um modelo que integra conhecimentos oriundos da Linguística Funcionalista Norte-Americana (Givón, 1995) e elementos de abordagens construcionistas, em especial a Gramática de Construções (Goldberg, 1995).

Nos Modelos Baseados no Uso, o saber linguístico é concebido como um repertório de construções gramaticais, sendo cada construção entendida como uma associação simbólica entre forma e significado (Goldberg, 1995; Traugott; Trousdale, 2013). Essas construções são representadas por esquemas cognitivos de natureza abstrata, e o conhecimento linguístico é adquirido ou ajustado com base nas vivências individuais com o mundo (Bybee, 2010). Assim, à medida que as categorias linguísticas são utilizadas, surgem novos usos que se tornam convencionais nas comunidades linguísticas, passando a ser mais produtivos na língua, conforme apontam Traugott e Trousdale (2013). A elevada frequência de uso de uma construção contribui para sua produtividade, fazendo com que certos padrões construcionais se consolidem na língua e passem a permitir diferentes formas linguísticas. Por exemplo, o esquema da língua portuguesa [[[X] que] S V C]

licencia construções do tipo [ainda que] S V C] ORAÇÃO HIPOTÁTICA ADVERBIAL CONCESSIVA, em que o *slot* X pode ser preenchido por itens como *ainda, mesmo, se bem*.

A abordagem construcional entende que a língua é uma rede de construções interligadas entre si, ou seja, um *construcon* (Goldberg, 1995). Também concebe que a construção (pareamento forma-significado) é o constituinte básico da gramática (Traugott; Trousdale, 2013). A rede linguística é formada por construções que representam um nó na rede, esses nós estão relacionados com outros nós no mesmo nível de abstração e com outros nós mais abstratos numa relação de hierarquia. Croft (2011, p. 18) envolve registro e contexto na representação da construção. A construção é um conjunto de propriedades agrupadas no eixo da forma e do sentido. Na forma, estão aspectos sintáticos, morfológicos, fonológicos e prosódicos. No significado, aspectos semânticos, pragmáticos, discursivos e contextuais são incluídos.

Dessa maneira, o objetivo deste artigo é descrever e analisar o comportamento de construções oracionais introduzidas por *ainda que*, levando em consideração fatores como semântica, pressuposição pragmática e ordem da construção oracional (ante-posta, intercalada, posposta), que estão melhor detalhados na seção de análise dos dados.

O domínio do contraste: algumas considerações

Na perspectiva de Dancygier e Sweetser (2000), o contraste configura uma relação simétrica entre duas proposições ou entidades inseridas em um mesmo domínio cognitivo. Essa simetria pressupõe que os elementos colocados em oposição sejam comparáveis, como duas atitudes, duas ações ou dois estados, e que apresentem uma diferença pertinente. Em enunciados como *Mary likes classical music, whereas John prefers jazz* ('Mary gosta de música clássica, enquanto John prefere jazz'), a oposição se estabelece no campo das preferências musicais, evidenciando distinções compatíveis entre os participantes. Assim, conectores contrastivos como *whereas* e *but* não funcionam apenas como

articuladores formais, mas também como elementos da organização discursiva.

As autoras destacam que o contraste pode atuar em distintos domínios discursivos, como o sócio-físico, o epistêmico e o interacional. No domínio sócio-físico, relacionado a ações e acontecimentos do mundo concreto, contrastes como *He planned to leave early, but his car broke down* ('Ele planejava sair cedo, mas seu carro quebrou') contrapõem uma intenção a um impedimento factual, ambos situados em um contexto objetivo e observável.

No domínio epistêmico, por sua vez, o contraste ocorre entre proposições fundamentadas em crenças ou inferências, como em *He says he's ready, but he hasn't done the work* ('Ele diz que está pronto, mas não fez o trabalho'), evidenciando a tensão entre o que é afirmado e aquilo que as evidências permitem inferir. No domínio interacional, o contraste manifesta-se entre atos de fala com funções comunicativas distintas, como em *That's a good suggestion, but I think we should stick with the original plan* ('É uma boa sugestão, mas acho que devemos manter o plano original'), em que se contrapõem o reconhecimento da proposta do interlocutor e sua rejeição.

Segundo Ford (2000), contraste, concessão, causa e condição atuam em domínios cognitivos próximos. A concessão, nesse quadro, é frequentemente entendida como uma modalidade específica de contraste, caracterizada pela introdução de um elemento que contraria ou frustra uma expectativa derivada da proposição anterior. As orações introduzidas por *ainda que*, por exemplo, mostram-se como importantes marcadores da concessividade em português, quando comparadas com usos de outras construções também consideradas concessivas na língua como as introduzidas por *mesmo que* (Santos Silva, 2023).

Em conjunto, essas abordagens oferecem uma contribuição relevante para a descrição do português ao deslocarem a análise do plano estritamente sintático para o funcionamento cognitivo

e discursivo das relações de contraste e concessão. Ao compreender tais construções como mecanismos de organização de sentidos que operam em diferentes domínios, os estudos ampliam a explicação de fenômenos que, em descrições tradicionais, tendem a ser reduzidos à classificação de conectivos ou à rotulação de orações subordinadas.

Essa perspectiva permite captar com maior precisão os efeitos que emergem no uso real da língua, evidenciando que uma construção como *ainda que* não é apenas uma variante estrutural, mas faz parte de escolhas discursivas sensíveis ao contexto e à intenção do falante. Desse modo, tais contribuições fortalecem uma descrição do português mais alinhada às práticas efetivas de linguagem, integrando forma, sentido e uso em uma abordagem mais abrangente e explicativa.

Procedimentos metodológicos

Para a coleta dos dados, utilizamos o Corpus do Português (Davies; Ferreira, 2006). Trata-se de uma plataforma de busca online que reúne textos em Língua Portuguesa nas modalidades escrita e falada. Atualmente, é composto pelas abas Género/Histórico, Web/Dialectos, NOW (2012-2019) e Google Books n-grams (BYU). Foram coletadas as 180 primeiras ocorrências de orações hipotáticas iniciadas por *ainda que*. Esses dados foram coletados da aba NOW (2012-2019), na modalidade escrita. Os dados são de textos disponíveis em portais de notícias *on-line*, principalmente jornais, revistas e *blogs*. Como partimos do princípio de que o uso linguístico molda a experiência linguística do falante, todos os dados coletados são de contextos reais de uso.

A fim de descrever o comportamento das orações introduzidas por *ainda que*, adotamos os seguintes fatores de análise:

(i) no polo da função (observando aspectos semântico-pragmáticos), analisamos a semântica das orações e o tipo de

informação veiculada com relação à pressuposição pragmática (se pressuposta ou não pressuposta);

(ii) no polo da forma, analisamos a ordenação da oração concessiva (anteposta, intercalada, posposta).

Cada fator de análise apresentado será detalhado e exemplificado na próxima seção, referente à análise dos dados. As hipóteses específicas relativas a cada fator também são expostas juntamente com a análise. Preferimos explicar os fatores na seção da análise, pois o modo de classificação usado em cada fator faz parte da nossa perspectiva de análise baseada nos dados. Além disso, para não ficar muito distante a explicação dos fatores e os resultados da análise, consideramos essa a melhor estratégia. Com isso, fizemos uma análise qualitativa e quantitativa dos dados pautados nesses fatores.

Análise dos dados

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados obtidos após a etapa de coleta, com foco nos fatores linguísticos selecionados para investigação. A pesquisa busca identificar padrões, recorrências e possíveis variações no uso das construções oracionais introduzidas por *ainda que*, considerando o contexto em que ocorrem. Para tanto, como mencionado anteriormente, foram adotados como fatores o valor semântico, a ordenação e a pressuposição. Cada um desses fatores será descrito e discutido individualmente, a fim de explicitar sua relevância teórica e sua contribuição para melhor descrição da construção na língua e para a interpretação dos resultados.

Valor semântico

De acordo com Hengeveld e Mackenzie (2008), são factuais os Conteúdos Proposicionais que mostram conhecimentos ou

crenças que são assumidos como verdadeiros em relação ao mundo real; e não factuais os Conteúdos Proposicionais que expressam desejos ou esperança em relação a um mundo imaginário. De acordo com os autores, a factualidade é um critério semântico que classifica o valor de verdade de um Conteúdo Proposicional, entendido como um aspecto do conhecimento que se localiza na mente daqueles que compartilham desse conhecimento. Conteúdos Proposicionais, devido a sua natureza conceitual, podem ser caracterizados em termos de atitudes proposicionais, expressando descrença, incerteza ou dúvida.

König (1988) defende que os conectivos concessivos seriam derivados de nexos condicionais, já que, diacronicamente, certas construções do inglês e do alemão eram utilizadas tanto para expressar concessão quanto para expressar condição. Além disso, o autor mostra que existe grande similaridade entre os grupos de conectivos que formam as construções condicionais e as concessivas, o que colaboraria com a ideia de que as construções concessivas teriam surgido de construções concessivas-condicionais em diversas línguas do mundo. As concessivo-condicionais são formadas por uma oração hipotática não factual e uma oração principal factual. Nas concessivas prototípicas, tanto a oração hipotática quanto a principal são factuais.

O uso concessivo-condicional

A seguir, um exemplo desse uso:

(3) “Ainda que o texto seja aprovado politicamente,
uma possibilidade remota,

Não factual

o decreto não resiste à análise de inconstitucionalidade do Judiciário”, projeta.”⁴ (Terra)

Factual

4 <https://www.terra.com.br/noticias/brasil/cidades/decisao-no-senado-sobre-decreto-de-armas-nao-tem-consenso-entre-especialistas,6e73273fcfe->

Em (3), a informação veiculada pela oração principal de que ‘o decreto não resiste à análise de inconstitucionalidade do Judiciário’ é verdadeira, já o fato apresentado na oração hipotática de ‘o texto ser aprovado politicamente’ é hipotético, podendo ou não acontecer.

O uso concessivo

Observemos o exemplo seguinte:

(4) **“Ainda que o caminho apontado seja a diminuição do número de cidades,**

Factual

essa não é uma tarefa simples.⁵ (O Tempo)

Factual

No dado (4), a oração hipotática concessiva ‘*ainda que o caminho apontado seja a diminuição do número de cidades*’ remete a um estado de coisas apresentado como verdadeiro no mundo real, uma vez que a diminuição do número de cidades foi efetivamente apontada como uma possível solução para o problema em questão. A oração núcleo ‘*essa não é uma tarefa simples*’ também expressa um conteúdo factual. Assim, tanto a oração hipotática concessiva quanto a oração núcleo apresentam estados de coisas interpretados como reais, apesar da relação de concessão estabelecida entre eles.

König (1985) argumenta que o uso de conectores concessivos causa incompatibilidade entre os eventos expostos na oração hipotática e na oração principal, já que o conteúdo expresso pelas duas partes apresentaria algum tipo de conflito. O autor detalha,

64881512b5459edd5c5127puy3gi7.html

5 <https://www.otempo.com.br/politica/minas-gerais-tem-330-cidades-que-nao-se-sustentam-sozinhas-1.2202672>

com base no esquema embora $p, q \Rightarrow$ se p , então normalmente não- q , essa incompatibilidade. Em (4), anteriormente mencionado, por exemplo, os fatos incompatíveis estão presentes tanto na oração hipotática quanto na principal.

Pretendemos, por meio da análise desse fator, observar quais são as tendências de uso das orações hipotáticas introduzidas por *ainda que* com relação aos seus valores semânticos, a fim de melhor descrever o comportamento dessa construção em português. Analisamos todos os dados, observando se eles traziam um valor concessivo ou concessivo-condicional. A tabela adiante mostra os resultados encontrados na análise dos valores semânticos encontrados:

Tabela 1 - Valor semântico das orações introduzidas por *ainda que*

	CONCESSIVA	CONCESSIVA- -CONDICIONAL	TOTAL
[ainda que]oração	125 (70%)	55 (30%)	180 (100%)

Fonte: Adaptado de Santos Silva, 2023.

Os resultados apresentados na tabela 1 mostram que, nas orações iniciadas por *ainda que*, o valor concessivo foi encontrado em 70% dos dados analisados, e o concessivo-condicional, em 30%. A predominância do valor concessivo indica que a construção se encontra em estágio avançado de especialização semântica, corroborando o percurso de mudança descrito por König (1985) e confirmado por Santos Silva (2023), segundo o qual conectores dessa natureza tendem a emergir com leitura concessivo-condicional e, progressivamente, convencionalizar-se como marcadores prototípicos de concessão.

Pressuposição

Lambrecht (1994) mostra que as cláusulas adverbiais iniciais apresentam informações que são pragmaticamente pressupostas, fornecendo, assim, uma base temática para a nova informação que será afirmada na oração subsequente. O autor considera a informação pressuposta aquela que o escritor/falante apresenta com a convicção de que o ouvinte/leitor conhece ou pode inferir pelo contexto discursivo. Por outro lado, a informação não pressuposta é a que não pode ser recuperada no discurso. De acordo com o autor, a pressuposição é um fator pragmático, que tem a ver com o conhecimento que os falantes compartilham e com as expectativas do escritor/falante sobre cada bloco de informação. Lambrecht (1994, p. 52, tradução nossa) opõe uma informação pragmaticamente pressuposta à asserção pragmática, que é a informação conhecida do ouvinte/falante. De acordo com o autor:

Pressuposição pragmática: o conjunto de proposições evocadas léxico-gramaticalmente em uma sentença que o falante presume que o ouvinte já conhece ou está disposto a tomar como dadas no momento em que a sentença é proferida.

Asserção pragmática: a proposição expressa por uma sentença que se espera que o ouvinte venha a conhecer ou a tomar como dada como resultado de ouvir a sentença ser proferida.⁶

Consideramos informação pragmaticamente pressuposta aquela já mencionada ou aquela que não foi mencionada, mas que pode ser inferida pelo contexto precedente por meio de pistas linguísticas apresentadas no discurso, como mostra o exemplo adiante:

6 Pragmatic presupposition: the set of propositions lexicogrammatically evoked in a sentence which the speaker assumes the hearer already knows or is ready to take for granted at the time the sentence is uttered. Pragmatic assertion: the proposition expressed by a sentence which the heard is expected to know or take for granted as a result of hearing the sentence uttered.

(5) Os pontos com mais congestionamento são os conhecidos: rotatória da figueira, rotatória logo após a ponte do Maluche, semáforo em frente à Uniasselvi/Assevim e por aí em diante. A pesquisa também tabulou os pontos geradores de tráfego, como supermercados, centros comerciais, instituições de ensino e outros estabelecimentos. ***Ainda que sejam lugares conhecidos***, é importante tê-los documentados⁷ (O Município).

No dado (5), a informação presente na oração hipotática de que ‘ainda que sejam lugares conhecidos’ já é conhecida pelo interlocutor pelo fato de já haver sido mencionada no contexto. Por outro lado, consideramos informação não pressuposta a informação que não foi mencionada ou que não é possível de ser recuperada no contexto comunicativo por não apresentar pistas para o leitor/ouvinte sobre uma situação ou estados de coisas, exemplificados a seguir:

(6) ***Ainda que as advertências de Merkel e Macron não resultem em nenhum efeito prático***, elas reverberam em muitos países. ‘Macron coloca verbalmente em risco um acordo que leva anos. E que dois presidentes coloquem o dedo em riste é uma sinalização importante do ponto de vista diplomático’, diz o professor ⁸ (*El País* - Brasil).

No dado (6), não conseguimos recuperar a informação presente na oração hipotática de que ‘as advertências de Merkel e Macron não resultem em nenhum efeito prático’, pois não foram anteriormente mencionadas no contexto comunicativo.

A tabela seguinte mostra como esse fator se comporta com as orações introduzidas por *ainda que*:

7 <https://omunicipio.com.br/elaboracao-do-plano-municipal-de-mobilidade-urbana-de-brusque-avanca/>

8 https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/27/politica/1561656006_263638.html

Tabela 2: Pressuposição da oração hipotática iniciada por *ainda que*

	PRESSUPOSTO	NÃO PRESSUPOSTO	TOTAL
[ainda que]oração	106 (59%)	74 (41%)	180 (100%)

Fonte: Adaptado de Santos Silva, 2023.

Os resultados encontrados com os dados analisados mostram que a informação é pressuposta em 59% das orações hipotáticas iniciadas por *ainda que* e não pressuposta em 41% dos dados. A predominância de informação pressuposta nas orações com *ainda que* confirma a proposta de Lambrecht (1994) de que cláusulas adverbiais iniciais tendem a veicular conteúdo pragmaticamente acessível, funcionando como base temática para a asserção principal. Como a concessão frequentemente antecipa um dado cuja relevância será relativizada, é esperado que esse conteúdo seja apresentado como compartilhado ou inferível. O percentual de informação não pressuposta indica, contudo, que a construção também pode introduzir material novo, evidenciando flexibilidade pragmática na organização informacional.

Ordenação das orações iniciadas por *ainda que*

As gramáticas tradicionais explicam aspectos relacionados com a ordem como de cunho estilístico, literário e como fruto da subjetividade humana. Entretanto, para as abordagens baseadas no uso, a ordenação dos termos numa determinada sequência é motivada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos da língua. Na maioria das línguas do mundo, é comum que as cláusulas adverbiais ocorram antes e depois da principal. Além disso, sabe-se que as cláusulas adverbiais antepostas apresentam funções organizadoras particulares no discurso (Chafe, 1984). Com relação à ordenação das orações concessivas, Neves (2000) mostra que fatores de ordem comunicativa interferem no uso desse tipo de

oração, pois, quando as orações estão antepostas, a informação é mais conhecida pelo interlocutor e ocupa uma posição tópica.

Diessel (2013), neste mesmo sentido, chama a atenção para o fato de que, se olharmos para a distribuição *cross* linguística, encontraremos dois padrões dominantes: antes e depois da principal. Porém, em algumas línguas mais rígidas (OV), as cláusulas adverbiais são geralmente colocadas no início da oração. Segundo o autor, em japonês, por exemplo, as adverbiais precedem, frequentemente, a cláusula principal.

Nesta subseção, apresentamos como as orações hipotáticas introduzidas por *ainda que* se comportam com relação à posição (anteposta, intercalada, posposta). Os resultados encontrados após a análise dos dados em português são detalhados a seguir:

Tabela 3: Ordenação das orações introduzidas por *ainda que*

	ANTEPOSTA	INTERCALADA	POSPOSTA	TOTAL
[ainda que] oração	96 (53%)	2 (2%)	82 (45%)	180 (100%)

Fonte: Adaptado de Santos Silva, 2023.

Como mostra a tabela 3, as orações hipotáticas iniciadas por *ainda que* na posição anteposta ocorrem em 53% dos dados, na posição posposta em 45% dos dados e em 2% dos dados na posição intercalada. Os dados adiante mostram as ocorrências de cada posição no *corpus* analisado:

(a) **Anteposta:**

(7) “**Ainda que** seja impossível tirar todos do anonimato, as histórias narradas pela hábil pena do repórter Rogério Borges têm o mérito de retratar os bastidores normalmente silenciosos que permitem essa exuberante demonstração de fé.”⁹ (*Jornal GGN*).

9 <https://jornalggm.com.br/artigos/general-helena-para-sair-ou-seja-exonerado-por-eugenio-de-aragao/>

(b) Intercalada:

(8) “Para o coordenador de desenvolvimento mobile do Infnet, Hallison Paz, ***ainda que jogos representam a maioria dos apps***, há uma tendência crescente de tecnologias voltadas para as áreas de direito, educação, mercado pet e beleza.”¹⁰ (*Jornal Extra*).

(c) Posposta:

(9) “A avaliação de títulos tem caráter apenas classificatório e se submeterão a esta etapa somente os candidatos aos empregos de nível superior. Esta etapa valerá até 5 pontos, ***ainda que a soma dos valores dos títulos apresentados seja superior a esse valor.***” (*Estratégia Concursos*).¹¹

Em síntese, a distribuição apresentada na Tabela 3 pode ser explicada à luz da função discursivo-pragmática das cláusulas adverbiais (Diessel, 2013). A leve predominância da posição anteposta (53%) sugere que a oração introduzida por *ainda que* tende a funcionar como enquadramento argumentativo, antecipando uma possível objeção para, em seguida, reforçar o conteúdo da oração principal. Essa estratégia é recorrente em construções concessivas, pois permite ao falante neutralizar previamente um contra-argumento. Conforme observa König (1985), a concessão opera frequentemente na organização informacional do discurso, articulando contraste e gerenciamento de expectativas.

A frequência equilibrada também na posição posposta (45%) indica, contudo, que a construção mantém flexibilidade sintática, sendo empregada tanto para preparar o terreno argumentativo (anteposição) quanto para acrescentar uma ressalva após a proposição principal (posposição). Assim, os dados revelam não

10 <https://extra.globo.com/economia-e-financas/aplicativos-profissionais-ajudam-aumentar-lucro-em-ate-40-23772842.html>

11 <https://www.estrategiaconcursos.com.br/blog/concurso-itaperuna-rj-saiu-edital-com-374-vagas-para-nivel-medio-e-superior/>

apenas variação estrutural, mas diferentes estratégias de ordenação informacional associadas ao valor concessivo.

Considerações

O estudo aqui apresentado reafirma a pertinência da Linguística Funcional Centrada no Uso para a descrição de fenômenos gramaticais no português contemporâneo. Os dados extraídos do Corpus do Português (aba NOW) demonstram que não se trata de uma regra estática, mas que fatores formais e funcionais interagem para definir o comportamento da construção oracional. Essa abordagem permite ir além de questões da sintaxe do período para se buscar a conexão simbólica entre forma e função e estabelecer, com mais precisão, as características da construção oracional com *ainda que*, sempre se levando em consideração contextos específicos de comunicação.

No que tange à semântica, os resultados evidenciam uma predominância do valor concessivo (70%) em detrimento do valor concessivo-condicional (30%). É crucial destacar que a concessão estabelece, intrinsecamente, uma relação de contraste entre a oração hipotática e a principal. Ao utilizar *ainda que*, o falante reconhece um fato ou hipótese que, em condições normais, impediria a ocorrência do evento principal, criando, assim, uma quebra de expectativa.

Com relação à pressuposição, o fato de 59% dos dados serem pressupostos sugere que, na maioria dos usos, o falante trata o conteúdo da oração concessiva como informação partilhada ou incontestável no contexto discursivo. Esse comportamento indica que a concessividade opera, frequentemente, como estratégia argumentativa, na medida em que antecipa possíveis objeções e as integra ao próprio enunciado. Assim, ao pressupor a informação, o falante não apenas organiza o discurso, mas também orienta a interpretação do interlocutor e fortalece seu posicionamento.

A análise do fator ordenação demonstrou que há preferência (ligeira) pela posição anteposta (53%), o que indica que, muitas vezes, a oração com *ainda que* serve para estabelecer o cenário ou o contexto contrastivo antes da assertiva principal, enquanto a posição posposta (45%) tende a funcionar como recurso de ressalva ou atenuação, acrescentado após a informação nuclear do enunciado. Nesse caso, a concessiva aparece como movimento argumentativo complementar, que relativiza ou enquadra a afirmação previamente apresentada.

A pesquisa não esgotou o tema, mas apresentou resultados relevantes da análise de 180 ocorrências do português, contribuindo para a compreensão de como os falantes selecionam construções concessivas ou concessivo-condicionais a fim de atingir seus objetivos comunicativos. Enquanto o ensino tradicional limita-se, em geral, à enumeração de conjunções e locuções conjuntivas concessivas, a análise baseada no uso evidencia que tais construções apresentam tendências específicas de funcionamento, condicionadas por fatores discursivos e pragmáticos.

Concessiveness in Portuguese: a constructional description based on the uses of *ainda que*

ABSTRACT: this article analyzes the uses of the clausal construction introduced by *ainda que* in contemporary Portuguese, based on the theoretical and methodological assumptions of Usage-Based Linguistics, which brings together contributions from North American Functionalism and Construction Grammar. Within this analytical framework, language is conceived as a large inventory of linguistic constructions that emerge from speakers' actual language use. For the analysis of 180 data, the NOW (2012-2019) section of the *Corpus do Português* was used. Based on the adopted analytical factors, the results reveal that clauses introduced by the connective under study show preferences regarding their position in the sentence (preposed, interpolated, or postposed in relation to the main clause), the pragmatic-discursive context, particularly with respect to presupposition, as well as the clause's semantics and the verbal mood that accompanies it. This analysis contributes to the description of contemporary Portuguese by revealing usage patterns and discursive preferences of the connective, offering an empirically grounded view of clausal constructions and their pragmatic functions in language use.

KEYWORDS: Constructional approach; clause linking; concessivity.

REFERÊNCIAS

BYBEE, Joan. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

CHAFE, Wallace. *Language and Time*. Orlando: Harcourt Brace Jovanovich, 1984.

CREVELS, Mily. Concessives on different semantic levels: A typological perspective. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (org.). *Cause – Condition – Concession – Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

CROFT, William. *Explaining Language Change: An Evolutionary Approach*. Harlow: Pearson Education, 2011.

DANCYGIER, Barbara; SWEETSER, Eve. Constructions with if, since, and because: causality, epistemic stance, and clause order. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (org.). *Cause – Condition – Concession – Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2000.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael J. *Corpus do Português: 45 milhões de palavras, séculos XIV–XX*. 2006-. Disponível em: <https://www.corpusdoportugues.org/>.

DIESSEL, Holger. *The Grammar of the English Tense System: A Comprehensive Analysis*. Berlin: De Gruyter Mouton, 2013.

FORD, Cecilia E. The treatment of contrasts in interaction. In: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (org.). *Cause – Condition – Concession – Contrast: Cognitive and Discourse Perspectives*. Topics in English Linguistics. Berlin: De Gruyter Mouton, 2000. v. 33.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; CEZARIO, Maria Maura. Conhecimento, criatividade e produtividade sob a perspectiva da linguística funcional centrada no uso. *Alfa*, São Paulo, v. 67, 2023.

GIVÓN, Talmy. *Functionalism and Grammar*. Amsterdam: John Benjamins, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele E. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HENGEVELD, Kees; MACKENZIE, J. Lachlan (org.). *Functional Discourse Grammar: A Typologically-Based Theory of Language Structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HOPPER, Paul J.; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

KÖNIG, Ekkehard. *The Function of Pronominal Gender in Natural Language: Toward a Linguistic Theory of Gender*. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

LAMBRECHT, Knud. *Information Structure and Sentence Form: Topic, Focus, and the Mental Representations of Discourse Referents*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Contexto, 2000.

OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa (org.). *Linguística centrada no uso: teoria e método*. Rio de Janeiro: Lamparina; FAPERJ, 2015.

ROSÁRIO, Ivo da Costa. *Expressão da concessividade em construções do português do Brasil*. 2012. Tese (Doutorado em Línguas Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS SILVA, Thiago dos. *Análise de construções oracionais concessivas em português e em espanhol: um estudo comparativo baseado no uso*. 2023. Tese (Doutorado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.